

## **Imagens da cidade nos anos 1950 na imprensa: Porto Alegre**

Charles Monteiro<sup>1</sup> - PUCRS

O presente trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre a produção de imagens da cidade de Porto Alegre na imprensa nos anos 1950 no Centro de Pesquisa da Imagem e do Som (PPGH/PUCRS)<sup>2</sup>.

A problemática de pesquisa envolve questões acerca da criação de uma nova visualidade<sup>3</sup> urbana sobre a cidade de Porto Alegre nos anos 1950, no contexto de uma nova cultura visual sobre as cidades brasileiras. Visa-se compreender a construção de significados sociais a partir da produção e a veiculação de imagens fotográficas da cidade de Porto Alegre nos anos 1950 na *Revista do Globo*, em *O Cruzeiro* e no jornal *Correio do Povo*. Busca-se discutir as formas de fotografar a cidade e a inserção das fotografias nas páginas de cada um desses veículos de comunicação para compreender as representações da cidade de Porto Alegre naquele contexto de crescimento populacional, expansão do perímetro urbano e verticalização da área central. Na década de 1950, tanto a organização quanto o planejamento urbano de Porto Alegre estavam sendo repensados.

Novas questões teóricas e metodológicas vêm sendo colocadas a respeito dos usos da fotografia na História, forçando uma revisão na forma de trabalhar este *corpus* documental sobre a cidade. Segundo Dubois, não mais como mera ilustração, como um espelho do real, mas como um índice<sup>4</sup>. A fotografia deve ser problematizada enquanto índice de processos e dinâmicas dos diferentes grupos sociais que produziram e produzem a cidade. Ela deve ser compreendida na sua especificidade, enquanto uma linguagem com técnicas, práticas e significados sociais particulares no conjunto de uma determinada cultura visual (iconosfera) e de uma história visual<sup>5</sup>.

Nos anos 1950, a indústria jornalística e editorial passava por um período de transformação através da modernização administrativa e técnica com a montagem de novos

parques gráficos. A importação de maquinário novo e o aumento da oferta de papel baratearam os custos de produção. A ampliação do espaço dedicado à publicidade e ao número de anunciantes procurou atender ao crescimento do mercado de consumo de revistas nas classes médias urbanas. Foi possível melhorar a forma das revistas com a adoção de novos processos de diagramação, ilustração e impressão em cores.

As revistas passaram a contar com os meios técnicos para aumentar o espaço dedicado às ilustrações e à fotografia. Segundo Gisele Freund, a maioria das revistas seguia o modelo internacional da revista americana LIFE que utilizava maciçamente a fotografia<sup>6</sup>. As imagens fotográficas passam a integrar a narrativa das reportagens. Em alguns casos, as imagens ocupam mais espaço que o texto, relegado a um segundo plano.

Para o leitor menos avisado, a fotografia não poderia mentir por ser a reprodução fiel da vida. Poucos leitores estavam advertidos para o fato de que se pode alterar totalmente o sentido de uma imagem fotográfica através do texto que a acompanha ou pela sua justaposição com outras imagens. É necessário problematizar a fotografia em sua realidade própria, que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada<sup>7</sup>. Trata-se de refletir sobre a realidade do documento, da representação, sobre sua segunda realidade. Essa que é construída, codificada, sedutora em sua montagem e em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que guarda, todavia, um elo material com o tempo e espaço representado, como um índice da experiência social no passado.

O historiador deve colocar a imagem fotográfica em seu tempo e pensá-la a partir da relação entre o tema selecionado, a técnica empregada e o fotógrafo, que é o sujeito produtor dessas imagens com seus filtros sociais num determinado contexto social e numa determinada cultura visual. A fotografia é um recorte da realidade, um corte que promove o congelamento do fluxo do tempo na imagem e, também, um recorte espacial da realidade, através do enquadramento, do ângulo e dos efeitos escolhidos para fotografar o tema<sup>8</sup>.

Esses três periódicos oferecem um conjunto diversificado, rico e representativo para a interpretação das formas de representação da cidade nos anos 1950. No Brasil, a revista *O Cruzeiro* e a *Revista do Globo* buscavam uma narrativa visual independente do texto<sup>9</sup>.

A revista semanal *O Cruzeiro* foi lançada em 10 de novembro de 1928, pelos Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand<sup>10</sup>. A Revista começou a década de 1950 com uma tiragem extraordinária para a época de 300 mil exemplares semanais. No ano de 1954, a tiragem chegou ao ápice de 720 mil exemplares semanais, devido ao interesse pelas informações acerca da morte de Getúlio Vargas. Foi uma revista de abrangência nacional, que tratava de assuntos diversos de política até moda e vida social.

As fotorreportagens sobre Porto Alegre na revista *O Cruzeiro* ocupam um lugar muito secundário em relação à cobertura do processo de modernização das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e a criação de Brasília, que merecem séries de reportagens com dezenas de fotos PB e coloridas. Das 411 fotorreportagens fichadas, 205 são sobre o Rio de Janeiro, 58 sobre São Paulo e apenas 20 sobre Porto Alegre. Nesse conjunto, destacam-se duas reportagens sobre o quebra-quebra nas ruas centrais da cidade após a notícia da morte de Getúlio Vargas, duas sobre a inauguração do estádio Olímpico do Grêmio Futebol Porto-Alegrense, uma sobre a inauguração da Televisão Piratini e uma sobre os 25 anos da Rádio Farroupilha, numa série de outras sobre fatos sociais diversos como os bailes da Reitoria e a festa dos bichos em 1952. Apenas duas reportagens fogem ao conjunto geral e enfocam propriamente a cidade. Uma fotorreportagem com seis fotos PB enfoca o bairro Maria Degolada<sup>11</sup>, relatando a história da morte da jovem que dá nome ao bairro e a assistência dada pela Irmã Nely aos pobres. A outra é *Porto Alegre em versão 1958*<sup>12</sup>, com sete fotos coloridas e quatro PB, que se constitui numa chamada turística para conhecer a cidade. Logo, a revista aborda Porto Alegre a partir da perspectiva ou do *faits divers*, do curioso e do exótico ou do excepcional. O que não a diferencia de outras cidades do interior do Brasil. O que se explica pelo maior consumo da revista no Rio de Janeiro e São Paulo.

A *Revista do Globo* era o periódico quinzenal de maior tiragem no Rio Grande do Sul. Tendo sido criada em 1929, tornara-se um veículo de comunicação influente na imprensa regional, como um projeto gráfico e editorial arrojado para o período. Nos anos 1950, a *Revista do Globo* concorreu com outras revistas de tiragem nacional como *O Cruzeiro* e *Manchete*, seguindo o mesmo modelo de fotorreportagens com tom sensacionalista misturadas a entretenimento, artigos literários e vida social.

A *Revista do Globo* tematiza a cidade em 135 dos 256 exemplares, mais da metade dos consultados na pesquisa, publicados entre 1950 e 1960. Abordava questões sobre a modernização, as novas formas de sociabilidade, a cultura, a segurança, a higienização, a habitação, os transportes e a política municipal. A Revista valoriza o processo de modernização e alguns dos problemas urbanos de Porto Alegre. Para esse trabalho considera-se apenas uma pequena amostragem desse todo, no sentido de apontar as imagens fotográficas mais recorrentes na *Revista do Globo* sobre Porto Alegre no período.

A *Revista do Globo* contava com a colaboração permanente de fotógrafos (Léo Guerreiro, Pedro Flores, Thales de Farias), além da utilização do trabalho de vários fotógrafos independentes. A respeito da técnica sabe-se que a utilização de máquinas leves e portáteis, com filmes em rolo e com flash, como a Zeiss-Icon e a Rolleiflex.

Mas de que forma a fotografia serviu para exprimir as representações das transformações urbanas de Porto Alegre na *Revista do Globo*? Como as fotografias sobre a cidade se relacionavam com os textos e estavam inseridas na Revista do Globo? A partir do levantamento feito verifiquei que alguns temas eram recorrentes: modernização dos espaços urbanos (verticalização), novas formas de sociabilidade e problemas urbanos. Algumas dessas fotorreportagens ocupavam várias páginas, outras recebiam destaque com fotografias em página dupla, outras ainda contavam ainda com tomadas aéreas da cidade.

Uma leitura crítica da fotorreportagem *Porto Alegre em Tela Panorâmica*<sup>13</sup>, com texto de Flávio Carneiro e fotos de Léo Guerreiro, aponta para a construção do significado de

modernidade e desenvolvimento no processo de crescimento urbano. A primeira foto é uma tomada área do centro da cidade que colocava em primeiro plano o porto, em segundo plano uma massa de edifícios do centro da cidade e em terceiro plano a orla da Praia de Belas, com as obras do aterro para a abertura da Avenida Beira-Rio. Nas fotos subseqüentes aprofunda-se esse significado de modernidade através do crescimento horizontal e vertical da cidade a partir das legendas que as acompanham.

Essa fotorreportagem arrola as obras da Ponte Getulio Vargas sobre o Guaíba e o Aeroporto Salgado Filho, como ícones da modernização e do desenvolvimento da cidade. O texto afirma que “como visão aérea quase tudo impressiona, porque quase tudo está mudando”, passando a arrolar uma série de aspectos novos na cidade. Mais adiante afirma-se: “um manto de construções cobriu a cidade em 10 anos...”. Porém, afirma que alguns lugares mantinham-se como referência do passado: a Praça da Matriz e o Mercado Público.

Na fotorreportagem *Porto Alegre cresce para o céu e para o rio*<sup>14</sup>, com fotos de Thales Farias, novamente a modernização é o tema central com tomadas fechadas do centro da cidade colocando em destaque novos e altos edifícios, bem como as obras da Avenida Beira-Rio e da Ponte sobre o Guaíba. Na legenda afirmava-se “Porto Alegre, 1958: recorde brasileiro de construções”. O texto ensaia uma explicação para essa “febre de construções”: “o aumento vertiginoso nada tem de influências políticas, mas é tão somente a ação de capitais particulares, pois com a desvalorização constante do cruzeiro, o negócio mais rendoso e seguro ainda continua sendo o imobiliário”.

Talvez o melhor exemplo desse engajamento da *Revista do Globo* em dar publicidade a esse projeto de modernidade urbana seja a fotorreportagem *Porto Alegre via aérea, 1959*<sup>15</sup> de sete páginas com fotos de Thales Farias. Ela começa com uma foto aérea do centro da cidade ocupando duas páginas. Na página seguinte outra foto área do centro da cidade com a legenda “dentro de alguns anos, a cidade não terá mais prédios velhos”.

Mas não há somente publicidade da modernização ou a venda de uma imagem da cidade para consumo dos leitores de classe média na *Revista do Globo*. Ela também cumpria o papel de apontar os dilemas que a cidade enfrentava e deveriam mobilizar a opinião pública e a vontade das administrações municipal e estadual para a sua resolução.

A fotorreportagem *Amarelou o sorriso da cidade*<sup>16</sup> com texto de Joseph Zukauska e fotos de Pedro Flores e Wilson Cavalheiro é um exemplo disso. Uma série de problemas urbanos eram apontados: falta de água, luz, transportes e moradias. As fotografias que acompanham o texto apontam para a contradição entre os altos e modernos edifícios do centro da cidade e as malocas nas vilas populares da periferia de Porto Alegre. As razões apontadas para essa crise seriam a modernização no campo e a falta de amparo ao trabalhador rural, que agiriam como fatores de expulsão do homem do campo. De outro lado, os motivos de atração de migrantes para a capital seriam a busca de trabalho na indústria, melhores salários, direitos trabalhistas, serviço de saúde e educação para os filhos. Nessa fotorreportagem, na página 50, a revista coloca lado a lado um alto edifício em construção e as casa de madeira de uma vila a beira do Guaíba. O Subtítulo acima da página afirma: “Uma cidade de zinco e trapos dentro da outra”, e na legenda afirmava-se: “De 51 a 53, a população marginal duplicou, por que não só quem casa quer casa. Os que vêm do interior para trabalhar na capital, também dela necessitam. A metade da população de uma vila de malocas é dada como catarinense” (idem, p. 50). Logo, a culpa dos problemas urbanos era atribuída aos migrantes e aos sujeitos que vem de fora da cidade, às vezes, até mesmo de fora do estado. Ou seja, a culpa era dos não-cidadãos, dos próprios excluídos e não da falta de planejamento e de políticas públicas adequadas.

As fotorreportagens do jornal *Correio do Povo* abordam as transformações no espaço urbano da cidade num universo bem mais diversificado de assuntos: da política ao esporte, passando pela vida social, publicidade e classificados. Na maioria das vezes, as imagens não têm boa definição e encontra-se deslocadas em relação ao título e ao texto ao

qual está ligada. No jornal, o fotógrafo tem um tempo menor de tomada, revelação e seleção das imagens para acompanhar o ritmo diário dos acontecimentos. O tempo para a preparação das fotorreportagens é menor, a tecnologia para a reprodução e o papel utilizado no periódico também é inferior ao das revistas. Temos menos variações em PB e uma tecnologia mais simples de impressão. Ainda assim, essas imagens eram um complemento importante para mobilizar a atenção dos leitores do periódico.

Das 170 reportagens fichadas até o momento, 41 sobre novas formas de consumo, 42 referem-se a obras públicas, 18 ao processo de verticalização, e 42 sobre problemas urbanos. As 41 fotorreportagens sobre as novas instalações de magazines e lojas de eletrodomésticos no centro da cidade são uma mistura entre notícia e publicidade, enfatizando as novas práticas de consumo. As 42 reportagens sobre obras públicas destacam o papel dos políticos no processo de modernização da cidade. As 18 reportagens sobre a verticalização são uma propaganda indireta de empreendimentos imobiliários de alto gabarito (mais de 10 andares) de apartamentos residenciais e escritórios que também anunciam no jornal. Já as 42 fotorreportagens sobre problemas urbanos, abordam as inundações os problemas de energia, água e esgotos dos bairros periféricos<sup>17</sup>, bem como os custos sociais e os problemas para finalizar as grandes obras públicas, como a remoção de vilas populares para a conclusão da canalização do Arroio Dilúvio<sup>18</sup>. O jornal, então, é um dos únicos espaços que nos mostra que a cidade moderna está nascendo de um embate entre interesses de classes e que as obras públicas viriam em benefício da valorização de áreas para a especulação imobiliária.

Como conclusão parcial, pode-se afirmar que tanto a *Revista do Globo* quanto o jornal *Correio do Povo* foram meios de comunicação que se engajaram no processo de modernização da cidade, procurando elaborar para os seus leitores esse processo ao tratar de temas como o da verticalização do centro da cidade, a conquista de novas áreas através de aterros, a construção de grandes obras públicas, a implantação dos novos padrões

arquitetônicos modernistas, bem como a modernização das formas de sociabilidade pública numa sociedade de consumo. Quando o jornal e a revista apontavam os problemas urbanos de falta de água, energia e habitação era para pedir providências aos poderes constituídos. Percebe-se que estavam claramente engajados no projeto políticos das elites dirigentes de modernização social. A forma como a *Revista do Globo* publicava fotografias panorâmicas do centro da cidade com planos fechados sobre as áreas mais nobres de Porto Alegre visava exaltar o ideário de modernidade. Enquanto, os textos difundiam todo um conjunto de idéias e valores que visavam educar as camadas médias urbanas, que eram as principais consumidoras da *Revista* para a concretização da utopia da cidade moderna numa verdadeira pedagogia social, as imagens fotográficas elaboravam esse processo veloz de mudanças e desenraizamento social de uma forma positiva.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela PUCSP e Professor Adjunto do Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

<sup>2</sup> A pesquisa conta com apoio institucional da PUCRS e de bolsas de Iniciação Científica BIC/PUCRS, BIC/FAPERGS, PIBIC/CNPQ. Participam da pesquisa alunos da graduação do Curso de História: Rodrigo Massia (*Revista do Globo*), Taiane Agnoletto (*O Cruzeiro*) e Gabriela Peruffo (*Correio do Povo*).

<sup>3</sup> Cf. MENEZES, Ulpiano B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. In: O ofício do historiador, *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº 45, jul. 2003, pp. 11-36.

<sup>4</sup> Cf. DUBOIS, P. *O Ato fotográfico e outros ensaios*. 5ª ed. Campinas, SP: Papius, 1993, pp. 23-56.

<sup>5</sup> MENEZES, Ulpiano B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. In: O ofício do historiador, *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº 45, jul. 2003, pp. 11-36.

<sup>6</sup> FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. 8ª ed. Barcelona: GGMassMedia, 1999, pp. 96ss.

<sup>7</sup> Cf. MAUAD, A. M. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, Nilda (orgs.). *A Leitura de Imagens na pesquisa social*. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

<sup>8</sup> Sobre a metodologia de pesquisa sobre fotografia e cidade a partir da definição de descritores icônicos e formais ver LIMA, S. F.; CARVALHO, V. C. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica de consumo*. Álbuns de São Paulo: 1887-1954. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

<sup>9</sup> Fernandes Júnior, Rubens. *História da fotografia no Brasil: panorama geral e referências básicas*. 3ª ed. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002. Cf. também RIBEIRO, Ana Paula. G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca. In: *Estudos Históricos*, nº 31, 2003, p. 147-160.

<sup>10</sup> Cf. NETT, Accioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998; COSTA, Helouise. *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes – USP.

<sup>11</sup> TAJES, Tabajara. Uma favela e duas santas, *O Cruzeiro*, nº XXXI-8, 6/12/1958, p. 89-93.

<sup>12</sup> MORAES, M.; RONEK, A. Porto Alegre em versão 58. *O Cruzeiro*, nº XXX-46, 30/8/1958, p. 12-17.

<sup>13</sup> CARNEIRO, Flávio; GUERREIRO, Léo. Porto Alegre em tela panorâmica. In: *Revista do Globo*, nº 706, 24 dez. 1957, pp. 11-16.

<sup>14</sup> CARNEIRO, Flávio; FARIAS, Thales. Porto Alegre cresce para o céu e para o rio. In: *Revista do Globo*, nº 722, 1958, pp. 38-42.

<sup>15</sup> CARNEIRO, Flávio; FARIAS, T. Porto Alegre via aérea, 1959. In: *Revista do Globo*, 1959, nº 742, p. 10-16.

<sup>16</sup> ZUKAUSKA, Joseph; FLORES, Pedro, CAVALHEIRO, Wilson. Amarelou o sorriso da cidade. In: *Revista do Globo*, nº 607, pp. 48-55.

<sup>17</sup> *Correio do Povo*, 12/4/1953, p. 32.

<sup>18</sup> *Correio do Povo*, 26/3/1950, p. 16.